

COSTA, Daniel S. **ENCRUZILHADAS DO CORPO NA F(R)ICÇÃO DE UMA DANÇA-TEATRO BRASILEIRA**. Campinas: Unicamp, Doutorado em Artes da Cena. Orientação: Grácia Navarro. II Seminário de Pesquisa do programa de Pós-Graduação em Artes da Cena UNICAMP, Unicamp, 2014.

Resumo: O presente texto apresenta reflexões acerca do processo de f(r)icção arte-vida na constituição de uma cena híbrida, ou como aqui é denominado, uma dança-teatro brasileira. Da encruzilhada ou *entrelugar*, foi possível o friccionar de fronteiras entre arte e vida, o posicionamento do artista como sujeito de si mesmo, e a busca de uma possibilidade da investigação de uma metodologia de criação autoral a partir da experiência.

Palavras-chave: Arte, Dança Brasileira, Experiência, Teatro, Vida.

A autobiografia, mesmo se limitada a uma pura narração, é sempre uma auto-intepretação, sendo o estilo o índice não só da relação entre aquele que escreve e seu próprio passado, mas também o do projeto de uma maneira de dar-se a conhecer ao outro, o que não impede o risco permanente do deslizamento da autobiografia para o campo ficcional, o seu revestir-se da mais livre invenção.

Philippe Lejeune

A pesquisa autobiográfica pretende que a partir da narrativa de si, o narrador retome sua história, sua formação e sua atuação profissional para (re) significá-la. Esse tipo de pesquisa analisa as modalidades segundo as quais os indivíduos e, por extensão, os grupos sociais trabalham e incorporam biograficamente os acontecimentos e as experiências. Há a possibilidade de ampliar e produzir conhecimentos sobre a pessoa em formação, suas relações com territórios, tempos, seus modos de ser, de fazer e de biografar resistências e pertencimentos, um “método alternativo” em relação à tradição positivista do fazer científico. Assim, a autobiografia encarada no percurso dessa pesquisa de pós-graduação vem ao encontro a premissa de tal abordagem com “não como um simples enunciado, mas como um ato de discurso literariamente intencionado” (MIRANDA, 2009, p. 25).

Num percurso de pesquisa e criação, o artista da cena pôde projetar-se como um corpo-sujeito que localiza-se na encruzilhada, em estado de criação e em processo, prevendo que há, nesse lugar simbólico, a produção de conhecimento

advindo da experiência, da práxis artística. Assim, a presente proposta engendrou uma analogia à pesquisa acadêmica e ao processo criativo, em que, nesse *entrelugar* ou *encruzilhada* há também um processo de desestabilização que poderá ser pensado sob uma perspectiva da liminaridade, ou como neste momento prefiro definir, um meio que produz hibridismos pelo caráter fronteiro e em trânsito imbricado nessa perspectiva processual de criação.

A noção de encruzilhada é lugar exponencial do encontro, de centramentos e descentramentos a partir de onde, o corpo-sujeito, nesse potente lugar simbólico, toma posse de suas proposições discursivas motivadas pelos próprios discursos que habitam nesse *entrelugar*. Entendida não apenas como um espaço estanque, mas uma instância simbólica que tangencia todo processo de formação do artista da cena, bem como a elaboração de discursos cênicos, a dimensão de encruzilhada, aqui exposta, coaduna com a mesma definição de Martins (1997). Tal autora aborda a encruzilhada como lugar radial de centramentos, descentramentos, intersecções, influências, divergências, fusões, rupturas, multiplicidade e convergência, unidade e pluralidade, origem e disseminação e do *entrelugar* de Bhabha (2011). Para este pensador tal espaço não está dentro nem fora, mas numa relação tangencial entre essa fronteira ou uma zona de negociação entre dentro-fora, centro-periferia ou, ainda, global-local para a desestabilização de categorias centralizadoras do pensamento utópico, num posicionamento tensivo, complexo e híbrido. O conceito híbrido para a presente pesquisa também ancora definição em Canclini (2011), que definiu tal ideia como encontro de práticas ou estruturas que existiam de formas separadas, combinam-se no exercício da geração de novas estruturas, objetos e práticas.

O corpo-sujeito da encruzilhada apresenta um discurso autoral, a partir de um ponto de vista de quem é artista da cena, pesquisador e também é parte manifestante das Folias de Reis. Trata-se, dessa maneira, da visão de quem não está inserido no universo da cultura popular brasileira e, mais especificamente, nas manifestações espetaculares de Folias de Reis apenas para realizar uma pesquisa de campo, mas de quem convive em espaços periféricos e marginais da cidade de Campinas – SP.

Diante dessa perspectiva, o artista foi capaz de tomar como discurso cênico a própria estrutura da manifestação popular brasileira na construção de uma

linguagem autoral. Além de acessar a memória para um diálogo entre vida pública e privada, como consequência de um posicionamento nesse entrelugar, a discussão dos resultados teóricos e práticos elucidam um acordo sincrético como a própria formação da cultura brasileira, composta pela presença de um estrangeirismo que tenta mascarar ou limpar traços da dialogicidade impregnada nos espaços populares e, conseqüentemente, em nossos corpos.

Um corpo-sujeito da encruzilhada, então, apresenta-se como uma possibilidade de pensar dispositivos próprios, singulares ou autorais na produção do conhecimento nas artes da cena. Travar esse diálogo, certamente, será tarefa árdua, mas foi instaurado na presente proposta um pensamento para emergência novo, pois como afirmava Klauss Vianna (2005) o conflito precisa de espaço grande o suficiente para demonstrar a presença dos opostos – a encruzilhada.

Em dialogia com o mundo, a autobiografia e conseqüentemente um recorte autoetnográfico é uma escolha metodológica, onde o artista em confronto com sua própria realidade e experiência nas tessituras do processo criativo do espetáculo *Ô de Casa? Ô de Fora! ou a história do homem que pediu uma Folia à Pombagira Cigana* (2014) que “contaminou-se” da encruzilhada como lugar simbólico de realização sua tecedura dramaturgica. Esse lugar simbólico de convergência e multiplicidade é também o lugar de diálogo entre o artista e seu objeto de estudo, entre a biografia do artista e sua obra, entre Arte e Vida. Esse diálogo revelou um sujeito/personagem singular que amalgama em seu cotidiano, devoções populares – Umbandas e Folias de Reis, realidade e ficção, memória e presentificação, constituindo um personagem que apresenta comportamento cultural de “um brasileiro” dentre as tantas possibilidades de “ser brasileiro” que a pluralidade da cultura nacional promove.

Por fim, destaca-se a ideia de corpo que aqui é explorada e a demonstração de uma possibilidade de formação *(em) processo (em) criação* entremeada pelos procedimentos criativos que foram experienciados f(r)iccionando um espaço para discussão teórica advinda desse trajeto, da profusão dos encontros nas encruzilhadas e na perspectiva de novas epistemes para as artes da cena.

Referências Bibliografias

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana

Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade.** São Paulo: EDUSP, 2011.

COSTA, D. S. **Histórias e memórias de Folias de Reis.** EGIL: Ituiutaba, 2010.

MARTINS, L. M. **Afrografias da Memória.** São Paulo: Perspectiva, 1997.

MIRANDA, W. M. **Corpos Escritos: Graciliano Ramos e Silviano Santiago.** São Paulo: EDUSP, 2009.

VIANNA, K. **A dança.** São Paulo: Sammus, 2005.